

DESIGN, GESTÃO DE DESIGN E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA EM PONTA DE PEDRAS - GOIANA/ PE

Desenvolvimento Territorial

Tibério Tabosa – Laboratório O Imaginário Universidade Federal de Pernambuco -
tiberio.tabosa@oimaginario.com.br

Virgínia Pereira Cavalcanti – Laboratório O Imaginário Universidade Federal de Pernambuco -
cavalcanti_virginia@hotmail.com

Ana Maria Andrade – Laboratório O Imaginário Universidade Federal de Pernambuco --
anamariadeandrade@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta a experiência do Laboratório O Imaginário junto ao grupo produtivo Artesanato Cana – Brava, em Ponta de Pedras, município de Goiana, Pernambuco. O Laboratório da UFPE atua em pesquisa e extensão e é formado por professores, estudantes e profissionais de diversas áreas do conhecimento com foco no design a serviço da sustentabilidade social, econômica, ambiental e cultural. O objetivo deste artigo é estabelecer uma visão crítica na perspectiva da economia solidária sobre as ações de design e gestão do design do Laboratório, por meio das observações na vida cotidiana e visando a sustentabilidade. Os resultados ilustram, através do exemplo do modelo de atuação transdisciplinar, que a adoção dos princípios da economia solidária se consolidam pela apropriação e criação da identidade do grupo produtivo e seus parceiros por meio de ações que estimulem sua sustentabilidade a médio e longo prazo.

Palavras chaves: Design; Economia solidária; Artesanato

1. Introdução

A praia de Ponta de Pedra está localizada em Goiana, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, a 65 quilômetros do Recife. Ao tempo da colonização, Goiana era habitada pelos índios Caetés e Tabajaras e pertencia à antiga Capitania de Itamaracá. Desde a instalação dos primeiros engenhos de açúcar, ainda na primeira metade do século XVI, o contato entre diferentes etnias marcou a cultura local. Assim é que ao território outrora habitado apenas por nativos indígenas, sobreveio um outro, transformado pelo trabalho do escravo africano e do branco. Por se tratar de área de praia, Ponta de Pedras tem na pesca umas das principais fontes de emprego e renda. Foi a partir da fundação da colônia “Z-3”, que pescadores da região consolidaram a atividade com o uso de covos, armadilha de pesca artesanal que é repassada de pai para filho (Figura 1).



Figura 1 - Confeção de covo de pesca. Fonte: arquivo O Imaginário, 2007

Por outro lado, observando a tradição cultural e turística do Nordeste, é possível afirmar que dentre as cadeias produtivas, o artesanato tem demonstrado elevado potencial para geração de trabalho e renda. Pesquisas indicam que cerca de 3.3 milhões de nordestinos estão envolvidos nesta atividade BNB (2003). Neste sentido, é possível considerar o artesanato como uma importante alternativa para fomentar políticas de geração de trabalho e renda e, assim, configurar possibilidades sustentáveis de inclusão social.

Essa é também uma grande oportunidade para designers, que utilizando conceitos e ferramentas do design e em parceria com os artesãos podem contribuir para a transformação na qualidade de vida dessas comunidades. Como afirma Manzine, “A sua tarefa não é a de projetar estilos de vida sustentáveis, mas sim, a de propor oportunidades que tornem praticáveis estilos sustentáveis de vida” (MANZINE, 2005).

Este artigo apresenta a atuação do Laboratório de Design O Imaginário na comunidade de Ponta de Pedras, em Goiana e exemplifica como, por meio do artesanato, é possível organizar grupos, desenvolver tecnologias e produtos, articulando parcerias e criando oportunidades de mercado para artesãos e jovens de maneira sustentável.

Em linhas gerais, a metodologia transdisciplinar desenvolvida pelo Laboratório Imaginário tem sido utilizada em comunidades com perfis diferentes e com diversos estágios de organização e mobilização social. Pautada em princípios éticos que respeitam e valorizam a cultura local, a ação do Laboratório O Imaginário busca promover a autonomia dos grupos trabalhados. As estratégias de ação se revelam eficazes tanto para a geração de trabalho e renda, quanto para a promoção da inclusão social e do desenvolvimento sustentável.

A experiência do Laboratório O Imaginário em Ponta de Pedras envolve atividades que estão relacionadas desde a formação do grupo até o aproveitamento de resíduos da produção na composição de novos produtos. Os resultados, refletidos na consolidação do grupo e fortalecimento de lideranças, nas articulações e parcerias entre artesãos e poderes

locais, geração de renda e premiações, apontam o modelo transdisciplinar do Laboratório O Imaginário.

2. Problema da Pesquisa e Objetivo

No Nordeste do Brasil a evolução da indústria de bens de consumo tem ocorrido de forma mais lenta do que em outras regiões do país, contribuindo para a existência de um grande percentual de população para a qual as únicas opções de geração de trabalho e renda permanecem atreladas ao exercício de atividades manuais e/ ou artesanais. Desse modo, gerações inteiras se sucedem repetindo praticas produtivas de grande riqueza cultural, mas com baixíssimo nível de inserção no mercado consumidor e sem quase nenhum grau de sustentabilidade.

Esse quadro tem sido agravado pela ineficácia das políticas públicas específicas para a produção artesanal (artesanato e arte popular) e pela total desarticulação entre comunidades produtoras, agências e entidades de fomento (governamentais e não-governamentais). Nesse contexto, todo esforço até agora feito pelos diversos projetos de intervenção governamental e direcionado ao artesanato na tentativa de equilibrar o tripé valor cultural x valor econômico x valor social da produção cultural material parecem compor um desafio aparentemente perdido.

A permanência da situação de marginalização cultural do artesanato brasileiro, aliada a modelos obsoletos de organização produtiva, tem contribuído para manter escravizados à miséria um grande numero de artesãos e artistas populares de enorme talento e potencial criativo. Em contraponto, no mercado internacional a atividade artesanal tem sido supervalorizada, o que favorece o crescimento de empreendimentos nesse setor (ex. lojas e empresas de representação/ exportação).

No Nordeste e, especialmente no litoral, com suas praias, gastronomia e artesanato, têm um potencial turístico indiscutível, entretanto, em geral, as oportunidades de geração de renda são pouco aproveitadas. A pesca artesanal, o trabalho em engenhos de açúcar ou o emprego no serviço público são atividades recorrentes quando observadas localidades no litoral pernambucano. Ampliar a opção de geração de emprego e renda associada à promoção de grupos produtivos é um desafio que precisa ser encarado por gestores públicos, principalmente naqueles municípios mais afastados dos centros urbanos.

Em Pernambuco, portanto, o problema associa a urgência de promover o desenvolvimento tecnológico e organizacional da cadeia produtiva do artesanato à

necessidade de construir um modelo de desenvolvimento sustentável para as regiões do sertão, mata e agreste do estado.

A necessidade de potencializar a atividade artesanal em Ponta de Pedras no município de Goiana, motivou o Laboratório O Imaginário a atuar, desde 2003, junto aquela comunidade, utilizando o design e gestão do design como suportes para tornar aquela atividade sustentável. A partir do reconhecimento do potencial do local e a identificação da Cana-Brava, matéria-prima abundante e utilizada na fabricação dos covos foram iniciadas as atividades com base na formação de um grupo, sensibilizações para o trabalho solidário em equipe, capacitações técnicas e desenvolvimento de produtos

Conhecer a história do uso da cana-brava, o seu trançado e a história da cestaria na praia, foi primordial no desenvolvimento de novos produtos. Compatibilizar propostas de produtos inovadoras e ao mesmo tempo referenciadas na cultura local foi um fator decisivo para transição sustentável do uso da matéria-prima. No desenvolvimento de produtos também foram consideradas novas possibilidades de uso com o objetivo de agregar mais valor e atingir novos mercados com maior poder de compra.

Diante do problema apresentado, o objetivo do artigo é estabelecer uma visão crítica na perspectiva da economia solidária sobre as ações do design e da gestão do design do Laboratório O Imaginário no grupo produtivo de artesanato cana-brava estabelecido em Ponta de Pedras/Goiana, por meio das observações na vida cotidiana e visando a sustentabilidade.

3. Revisão Teórica

Para subsidiar a análise da relação economia solidária, design e gestão de design a pesquisa tem como referência os conceitos utilizados no livro seminal Singer (2000) complementado com as reflexões de França et al (2008).

Como conceito de Economia Solidária (EcoSol) tomamos

Surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho. A economia solidária casa o princípio da unidade entre a posse e o uso dos meios de produção e a distribuição (da produção simples das mercadorias) com o princípio da socialização destes meios (do capitalismo). Sob o capitalismo, os meios de produção são socializados na medida em que o “progresso técnico” cria sistemas que só podem ser operados por grande número de pessoas, agindo coordenadamente, ou seja, **cooperando entre si**. O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e pequena produção de mercadorias (como *artesanato e produção semi-industrial* *acréscimos nossos*). Mas, na realidade, ele *constitui uma síntese que supera ambas*. (SINGER, 2000).

Para o estabelecimento dos princípios da EcoSol segundo França et al (2008) utilizamos as reflexões sobre a prática cotidiana que serão apresentadas no itens 6 e 7 deste artigo quando fazemos o rebatimento da teoria e as observações em vida real.

Para grupo produtivo tomamos de França et al (2008) a seguinte definição:

Conjunto de indivíduos com objetivos e disponibilidade para trabalho em equipe com foco em objetivos comuns negociados inicialmente e renegociados a todo momento em função da adesão espontânea de novos membros ou pelas mudanças na conjuntura econômica, social ou cultural que obrigam a formação de novos arranjos produtivos ou de acesso a mercados.

Em função do tipo de organização produtiva, em redes produtivas integradas com atuação dentro de um território assumimos a definição de aPL – Aglomeração Produtiva Local que é conceitualmente diferente do APL – Arranjo Produtivo Local, por ser de menor porte, com organização menos estruturada e podendo ter unidades produtivas de base artesanal. (ABREU, 2002).

Tendo em vista a contextualização do esquema de trabalho produtivo da conjuntura de acesso a mercados, assumimos o conceito de comércio justo como:

Uma parceria comercial baseada em diálogo, transparência e respeito, que busca maior equidade no comércio internacional. É uma modalidade de comércio que contribui para o desenvolvimento sustentável por meio de melhores condições de troca e da garantia dos direitos para os produtores e trabalhadores marginalizados – principalmente do Sul. (IFAT, 2001)

O consumidor do comércio justo busca produtos de maior valor social agregado, [...] e quer poder identificar-se com o produtor, desejando contribuir para uma causa em que acredita. (SEBRAE, 2004).

No que se refere ao conceito de identidade, assumimos que a mesma é um significado cultural e socialmente atribuído e que pode ser compreendido de duas formas distintas. A primeira diz respeito à perspectiva fixa de recuperação da “verdade” e da “unicidade” de uma história. A segunda concepção apresenta a identidade cultural como uma “uma questão tanto de tornar-se, quanto de ser”. Essa perspectiva não nega a existência de um passado, mas entende que este construto sofre transformação quando é reivindicado no presente, ou seja, o passado é reconstruído num processo de reinterpretação. (HALL, 2000)

4. Metodologia

A abordagem metodológica será conduzida pela dialética, que pauta as pesquisas realizadas pelo Laboratório e o Grupo de Pesquisa Design, Tecnologia e Cultura – CNPq, a que está vinculado. A dialética é considerada uma das metodologias mais convenientes para o

estudo da realidade social, pois fornece as bases para uma interpretação mais dinâmica e totalizante da realidade (DEMO, 1995).

A instância metódica ou o segundo nível metodológico diz respeito aos métodos de procedimento. Constituindo uma etapa mais concreta do estudo, eles “visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada” (GIL, 1999: 33). Neste caso, em particular dois métodos de procedimento são utilizados: o histórico e o comparativo. Para Lakatos (2001: 106), “o método histórico preenche os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos”.

O segundo método a ser aplicado é o comparativo que busca ressaltar similaridades e diferenças entre fenômenos. Quanto a seu emprego, ele poderá ser visualizado na etapa de análise do objeto, onde serão confrontadas as ações e os resultados obtidos sob o enfoque da economia solidária em comunidade artesã. Nesse sentido, a seleção da unidade de análise – Artesanato Cana-Brava considera alguns critérios de escolha, tais como a conveniência, o acesso e proximidade geográfica (YIN, 2010); além do acesso as informações e a representatividade da experiência.

5. A Atuação do Laboratório O Imaginário em Ponta de Pedras.

O modelo de atuação transdisciplinar do Laboratório O Imaginário considera os conhecimentos das diversas disciplinas para atender o seu objetivo maior, desenvolver projetos de design a serviço da sustentabilidade, entendida como um triângulo em equilíbrio em seus três vértices: socialmente justo, economicamente rentável e cultural / ambientalmente respeitosos.

A representação gráfica (Figura 2) demonstra a importância dada ao foco na comunidade artesã e ao produto, sem deixar de mostrar a articulação com os demais eixos. No modelo, o eixo **design** reforça saberes e tradições populares ao mesmo tempo em que investe na excelência do produto, compatibilizando-o com as demandas do mercado de modo a garantir a viabilidade econômica da atividade. Gerar informações capazes de sensibilizar e mobilizar opiniões do consumidor para o valor do artesanato, os direitos dos seus criadores e a promoção do bem estar social são atividades inerentes à **comunicação**.

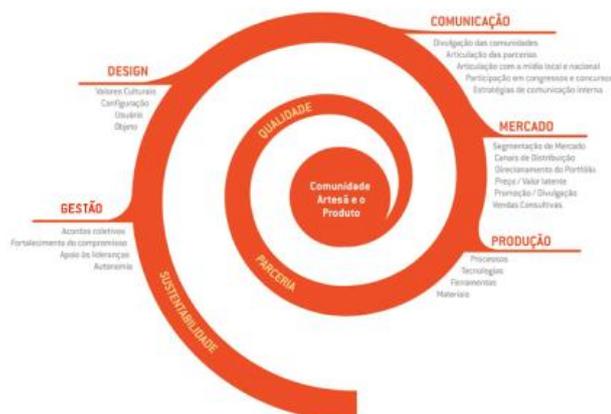


Figura 2 - Modelo de gestão do Laboratório O Imaginário. ANDRADE (2006)

No que diz respeito à **gestão**, as ações promovem a formação, articulação, e fortalecimento de grupos com base na construção de acordos coletivos solidários. Associar as potencialidades dos grupos de produtores às demandas de segmentos específicos de consumidores são ações que o eixo **mercado** busca estabelecer por meio de um diálogo respeitoso entre produtor-cliente, refletindo no desenvolvimento econômico e social da comunidade. No que se refere à **produção**, o Laboratório O Imaginário busca respeitar o ritmo de vida das comunidades ao mesmo tempo em que otimiza os processos produtivos e melhora as condições de trabalho e o uso sustentável dos recursos naturais.

O Imaginário apóia-se em uma abordagem metodológica **participativa**, a partir do entendimento que as artesãs e artesãos são sujeitos de suas práticas; **coletiva**, por meio do incentivo à construção de acordos coletivos solidários e o reconhecimento de lideranças; **individualizada**, através do reconhecimento de habilidades e competências dos envolvidos; **crítica**, na medida em que leva artesãs e artesãos a fazer uma leitura de seu próprio fazer artístico e das suas condições de vida; e **contextualizante**, já que a intervenção está calcada nas necessidades, desejos e no respeito aos valores identitários de cada comunidade artesã.

O contexto da unidade de análise, apresentava um cenário com pouca oferta de empregos e serviços, sendo a pesca artesanal a principal fonte de renda para a maioria da população; enquanto o segmento da população de jovens e mulheres se ressentiam com a falta de oportunidades. A cana-brava faz parte da história do local desde os primeiros habitantes, e até hoje, o seu trançado é utilizado para confecção de covos e cestas; ainda assim, esta habilidade encontrada na comunidade era pouco explorada como geração de trabalho e renda. No local, apenas dois mestres artesãos utilizavam a matéria-prima para a produção de cestas.

A identificação das potencialidades da matéria-prima e do contexto sócio-econômico da comunidade despertou o interesse do SEBRAE|PE que articulou com a Universidade, por meio do Laboratório O Imaginário, uma ação focada para a organização de um grupo produtivo. Essa realidade motivou o apoio dos parceiros na criação de um grupo, formado predominantemente por mulheres, algumas com experiências junto aos dois mestres artesãos, outras voltadas exclusivamente a atividades domésticas, e neste contexto, constitui-se o grupo produtivo Artesanato de Cana-Brava.

A oportunidade de geração de trabalho e renda com a possibilidade de gerir o próprio negócio demandou capacitações, consultorias e várias oficinas que foram ministradas por técnicos do Laboratório O Imaginário e seus parceiros. O trabalho contratado explica a necessidade de capacitações que fortaleçam produções mais empreendedoras bem como projetos coletivos solidários. Por outro lado é preciso observar que no Estado várias associações foram criadas para atender requisito das instituições financeiras, refletindo no descrédito de modelos associativos ou cooperativos.

A formação do grupo produtivo Artesanato Cana-Brava contribuiu para a valorização da auto-estima, o fortalecimento das questões de gênero, a organização do grupo e a mobilização junto instituições parceiras. A formação do grupo fomentou também o surgimento de lideranças que foram legitimadas pelas competências de negociar acordos coletivos e habilidades de produzir artesanalmente.

A integração junto a outros grupos produtivos como por exemplo, o da Terceira Idade, a cooperação com outros artesãos, como os que confeccionam produtos com “quengas de coco”, e integração com os jovens que trabalham com arte-educação e produção do papel artesanal, desde o início do processo conferiram ao grupo uma competência para estabelecer redes de parceria solidária e um saber fazer artesanal que transcendeu a comunidade. Recentemente o grupo Artesanato Cana-Brava estabeleceu uma outra parceria com grupo produtivo das Quilombolas de São Lourenço, localizado na proximidade da Praia de Ponta de Pedras.

A constituição desse aPL, neste território produtivo nascente, demonstra a credibilidade econômica, social e cultural gerada pelo grupo produtivo artesanato Cana-Brava que, consciente da sua força política e de mobilização, configura suas demandas independentemente de questões partidárias. A construção do Centro de Artesanato José Romualdo Maranhão, inaugurado em 2008, materializa em pedra e cal a capacidade do grupo

de dialogar junto a parceiros, como a Prefeitura de Goiana, conquistando espaços físicos e políticos.

O compromisso do Artesanato Cana-Brava em buscar melhores resultados, observando as condições de produção do local e as habilidades individuais estimulou a relação entre artesãos e designers na busca de solução de problemas projetuais. Novos produtos, a inserção de novos materiais, o desenvolvimento de marca, embalagens, associando os produtos ao seu contexto histórico e social possibilitaram a aproximação do cliente com os produtores, contribuindo para o aumento da percepção do caráter simbólico do produtos.

Esse aspecto potencializou a percepção de valor e aumento do preço, assim, permitiu a garantia da renda pretendida como suficiente a partir de uma produção menor, indo de encontro à postura de superprodução para aumento de oferta e diminuição de preço. Este posicionamento está relacionado tanto ao compromisso de diminuição de impactos referentes à extração de matéria-prima, quanto ao respeito à capacidade de produção dos artesãos. Da mesma forma, caracteriza um produto que se pretende não ser facilmente descartado a partir do valor afetivo a ele agregado.

Este breve relato da experiência do Laboratório O Imaginário junto ao grupo produtivo Artesanato Cana Brava ilustra de forma inicial a aplicação do design com base em princípios da economia solidária.

6. Os Princípios de Economia Solidária e o Artesanato Cana – Brava.

Para o desenvolvimento territorial ocorrer dentro da perspectiva da Economia Solidária (EcoSol) devemos buscar exemplos ou no mínimo indícios da presença dos seguintes princípios no cotidiano comunitário em que está sendo inserido o grupo produtivo acessado pela pesquisa:

7.1. Adesão Voluntária/Portas Abertas.

De acordo com França et al (2008) a adesão voluntária.

Significa que participar do grupo de produção deve ser uma escolha de cada um e não uma imposição de alguma instituição ou condição para se conseguir alguma vantagem que não seja a própria geração da ocupação autônoma (FRANÇA et al, 2008, p.84)

Continuando as autoras afirmam que

O princípio da não discriminação objetiva destacar os direitos da cidadania de todos, desde o início da organização do grupo produtivo. Visa garantir a possibilidade de associação para qualquer pessoa que manifeste afinidade de trabalho com o grupo,

sem que se discrimine sua cor, orientação sexual, religião ou posição polític.
(FRANÇA et al, 2008, p.87)

Se observarmos a definição do princípio da Adesão Voluntária verificamos que este princípio foi utilizado na formação do grupo produtivo que originou o Artesanato Cana – Brava. O grupo surgiu após uma reunião (Figura 3) convocada para a apresentação da proposta de desenvolvimento do artesanato de cana-brava, uma vez que a aceitação de produtos em cestaria em feiras nacionais indicava grande potencial de mercado para esse tipo produto. O grupo foi formado voluntariamente, por mulheres, algumas esposas ou filhas de pescadores, que tinham interesse em aprender o trançado em fibra.



Figura 3 - Reunião para apresentação da proposta do grupo

7.2. Autogestão do Grupo Produtivo

França et al (2008) afirma que

Este princípio busca assegurar a gestão democrática do grupo produtivo, pois valida a atuação de cada membro do grupo no processo de decisão. O controle dos horários, critérios para pagamentos dos serviços de cada um dos membros do grupo, controle do processo e da qualidade da produção e a composição do quadro de componentes são decisão do próprio grupo, assim como os custos de produção e os investimentos.(FRANÇA et al , 2008, p.85- com adaptações pelos autores).

Desde a sua criação o grupo produtivo Artesanato de Cana-Brava atua dentro do princípio da autogestão. A ação do Laboratório O Imaginário compreende que os artesãos são os sujeitos de suas ações e estimula práticas coletivas, sem deixar de reconhecer e valorizar as habilidades individuais. A relação entre o grupo e a equipe técnica é balizada pela reflexão crítica que envolve questões relacionadas ao próprio fazer, mas, sobretudo, aquelas estratégicas que envolvem outros setores, parceiros e o futuro. As necessidades e os desejos também são trabalhados em discussões que respeitam os valores identitários do grupo. A construção dessa prática foi ancorada em técnicas de gestão colegiada, para evitar uma relação de dependência. Essa é sem dúvida uma grande virtude que pode ser conferida na dinâmica empreendedora do grupo que hoje toma decisões e ao mesmo tempo pede

eventualmente ajuda do Laboratório quando necessita de mais informações, sem deixar de exercer o seu papel crítico.

Além de permitir que o cidadão solidário viva concretamente a autogestão, participando criticamente de todo o processo de divisão do trabalho, este princípio ainda contribui muito para desmistificar a maior importância dada aos cargos administrativos (intelectuais) do que aos de produção ou técnicos (braçais), como ocorre freqüentemente (FRANÇA et al, 2008 p.87)

A abordagem da equipe do Laboratório é norteada pelo respeito, que se traduz no estímulo a construção de projetos coletivos e no entendimento de que os conhecimentos, tanto o científico quanto o empírico devem ser compartilhados. Essa forma de abordagem estimula a co-responsabilidade e engajamento dos envolvidos, no caso tanto técnicos e quanto artesãos (Figura 4), na implementação do projeto acordado.



Figura 4 - Reuniões com discussões entre técnicos e artesão

7.3. Democracia/ Criação de instâncias participativas

Segundo França et al (2008)

Cada componente do grupo produtivo é um voto. Em termos ideais, seria desejável que todas as deliberações fossem tomadas por consenso e não pelo voto da maioria, refletindo um maior amadurecimento das discussões. É óbvio de que este ideal não pode ser aplicado a muitas das situações práticas com as quais o grupo produtivo se depara. Entretanto, quanto mais importante for uma deliberação, maior é a necessidade de um acordo (FRANÇA et al, 2008, p.85 - com adaptações pelos autores).

Pela atual constituição do Artesanato Cana-Brava como grupo produtivo que funciona como instrumento de defesa dos interesses econômicos, sociais e culturais de cada um de seus membros, a grande maioria das decisões são tomadas em consenso nas reuniões que o grupo realiza com freqüência semanal.

Educação, capacitação e informação serão oferecidas a todos os associados ao grupo produtivo. Assessores e parceiros têm um papel importante na intermediação e mediação entre o grupo produtivo e as muitas ofertas de qualificação ou atualização profissional, educacional ou de acesso à mercados. (FRANÇA et al, 2008, p.85 - com adaptações pelos autores).

O uso de técnicas de planejamento estratégico (Figura 5) associado a uma análise de ambiente tem sido utilizado para formatação do projeto coletivo. Essas ferramentas auxiliam a escuta e a mediação das discussões que, uma vez vivenciadas, são apropriadas pelo grupo de artesãos. Esse foi o formato utilizado em Ponta de Pedras, que consolidou lideranças e hoje dispõe de ferramentas para montar anualmente seu plano de ação, identificando objetivos, metas, recursos e prazos necessários. Acreditamos que este modelo facilita a gestão participativa, uma vez que é construído coletivamente, e mesmo demandando maior tempo para a sua consolidação, abre espaço para a discussão e negociação de pontos de vista conflitantes entre artesãos e parceiros/ técnicos. Este é fator fundamental para garantir a implementação e sustentabilidade do projeto.



Figura 5 - Planejamento do processo produtivo feito pelo grupo

7.4. Atuação política dos atores envolvidos

Política neste contexto não se refere à política partidária e sim a arte de buscar o entendimento e repartição dos recursos (financeiros, econômicos, culturais, informacionais, etc.) do Estado entre todos os cidadãos.

Segundo França et al (2008)

Se deve defender a autonomia, a independência e o empoderamento do grupo produtivo em relação a instituições, a partidos, políticos ou ao Estado. Parcerias, apoios e financiamentos devem ser construídos já no início das operações do grupo produtivo, como garantia que o mesmo não seja obrigado a fazer concessões ou a defender interesses que não sejam os da emancipação dos seus componentes” (FRANÇA et al, 2008, p.89 - com adaptações pelos autores)

A construção da parceria com poderes locais exigiu muita insistência e persistência do grupo Artesanato Cana – Brava. É importante observar que a construção e empoderamento do grupo é um processo lento e os governos municipais se alternam em espaço de tempo algumas vezes menores que quatro anos. Esse é um fato que pode comprometer a autonomia do grupo e criar vínculos partidários. Nesse sentido a parceria com outras instituições como, por exemplo, universidades, podem facilitar a independência partidária dos grupos de

artesãos. Esse foi o caso do Artesanato Cana-Brava. A parceria com a Prefeitura possibilitou a construção do espaço físico (Figura 6) para abrigar as atividades de produção sem que houvesse interferência externa na gestão do grupo. A posição firme, responsável e produtiva do grupo gerou mais recentemente a concessão de um espaço de comercialização no Mercado Municipal de Ponta de Pedras (Figura 7).



Figuras 6 e 7 - Centro de Artesanato José Romualdo Maranhão e Espaço de comercialização no Mercado Municipal de Ponta de Pedras

7.5. Relação responsável com o meio ambiente/Compromisso com a natureza

A matéria-prima principal utilizada para a cestaria (Figura 8) é a paleta de cana-brava, que existe em quantidade na região e entre o corte e o surgimento de uma nova planta são necessários apenas 4 meses. O coco, outra matéria-prima utilizada nos produtos, também é encontrado como resíduo nas redondezas, sendo usado de maneira pouco nobre para alimentação de forno a lenha em padarias. O uso do coco (Figura 9) confere um diferencial estético à cestaria e pela nobreza adquirida a partir do polimento da superfície inspirou a criação de coleção de adereços, ampliando o mix de produtos e formação de novos artesãos.

Além disso, a construção da parceria com o projeto Mata-Vida reforçou a atenção com o meio ambiente, pois a partir de restos papel e papelão (Figura 10), aliado ao resíduo de pó da cana-brava, foi produzido uma massa que a partir da intervenção de arte educadores e jovens da comunidade possibilita a produção de objetos de decoração e adereços. Este projeto participou de exposição no Museu Murilo La Grega. O Centro Artesanal José Romualdo Maranhão abriga os dois projetos que atuam colaborativamente, compartilhando trabalho e oportunidades, tanto os grupos produtivos quanto os técnicos dos projetos.



Figuras 8, 9 e 10 - Produtos em fibra de cana-brava, coco e papel reciclado

7.6. Estreita relação entre grupo produtivo e comunidade

Segundo as autoras França et al, o princípio que identifica a relação do grupo produtivo e a comunidade na perspectiva da economia solidária está baseado no:

Compromisso com a comunidade do entorno, trabalhando para seu desenvolvimento e privilegiando sua participação nas atividades do grupo produtivo constitui um princípio básico na abordagem das aPL Aglomerações Produtivas Locais. A inserção na comunidade local e o fortalecimento dos laços de solidariedade entre seus moradores, são em geral, uma característica e um diferencial destes grupos produtivos (FRANÇA et al, 2008,p.89 - com adaptações pelos autores).

Quando analisamos este princípio em relação ao Artesanato Cana-Brava, observamos que além dos recursos materiais (espaço físico para produção e equipamentos) compartilhados com outros grupos, podemos pontuar também uma preocupação em dividir informações e conhecimentos. A atitude pró-ativa do grupo Artesanato Cana-Brava tem auxiliado o crescimento das artesãs do grupo Quilombolas de São Lourenço, com o relato de experiências e dificuldades naturais na formação de grupos produtivos. Esses relatos ajudam na superação de dificuldades e na busca de soluções compartilhadas. Para exemplificar, citamos a solução para a embalagem dos produtos do grupo Quilombolas de São Lourenço, que foi executada a partir do repasse da técnica de serigrafia pelas artesãs da Cana-Brava, ou o processo de inclusão digital, inicialmente direcionado aos membros do grupo Artesanato Cana-Brava e as atividades ligadas à produção/comercialização do mesmo e que posteriormente, foi compartilhado com os outros grupos produtivos e com a própria comunidade de Ponta de Pedras.

Da mesma forma, para facilitar a participação dos jovens do projeto Mata-Vida na FENEARTE-Feira Nacional dos Negócios do Artesanato realizada em Recife, o grupo investiu num transporte maior de tal forma que os jovens pudessem visitar a feira, mesmo que a decisão significasse um maior custo neste item. Como suporte a rede de parcerias o grupo prestigiou a inauguração da exposição de fotografia de jovens da comunidade Quilombola de São Lourenço.

Outro exemplo da integração do grupo produtivo Artesanato de Cana – Brava com a comunidade de Ponta de Pedras, sede da aPL territorial é a participação do grupo na feira local de Ponta de Pedras (Figura 11).



Figura 11 - Participação na feira local de Ponta de Pedras

7.7. Cotas Iguais/Propriedade coletiva dos meios de produção

De acordo com o princípio da propriedade coletiva dos meios de produção a autora França et al afirmam:

Ele é a base que sustenta todos os demais, garantindo que todos os sócios tenham a mesma quantidade de cotas-parte no capital do grupo produtivo. A propriedade coletiva significa que tudo que for comprado para o grupo produtivo, além do que for produzido por ele, pertencerá igualmente a todos os sócios, sem distinções.(FRANÇA et al, 2008, p.84 - com adaptações pelos autores).

No que diz respeito ao princípio da propriedade coletiva dos meios de produção, as experiências junto ao grupo Artesanato Cana - Brava tem característica diferente. O grupo compartilha os custos de produção, a participação em feiras e eventos, mas a remuneração do trabalho é atrelada a produção individual. Os artesãos criaram um sistema que permite identificar etapas de produção e a remuneração fica atrelada a participação de cada artesão nas etapas de execução das peças. Esse modelo foi o mais adequado, uma vez que o grupo é formado predominantemente por mulheres que estão também envolvidas em outras atividades, muitas delas com filhos pequenos e disponibilidade de tempo, muitas vezes, diferenciadas. A formalização do grupo enquanto cooperativa ou associação está sendo discutida de forma cuidadosa para evitar a repetição de erros cometidos por uma grande maioria de associações e cooperativas criadas apenas para atender requisitos de instituições de financiamento.

Entretanto, o sentimento coletivo e o valor do grupo presente no Artesanato Cana-Brava se manifesta de várias maneiras. Na produção, por exemplo, é visível a preocupação em partilhar as tarefas de tal modo que todos possam ser remunerados. Aqueles menos

habilitados recebem a ajuda para garantir a entrega dos produtos com qualidade e nos prazos acordados. A incorporação de novos artesãos provenientes de outros grupos para compartilhar espaços de comercialização é outro indicativo do princípio de cooperação. A parceria do Artesanato Cana Brava com artesãs de Nazaré da Mata permitiu compartilhar o espaço do Centro Cultural José Romualdo Maranhão no verão, quando a praia recebe veranistas pernambucanos e de estados vizinhos. Mais recentemente, o stand do grupo Artesanato Cana-Brava, na FENEARTE 2011 – Feira Nacional dos Negócios do Artesanato (Figura 12), abrigou produtos feitos com cascas de mariscos das Quilombolas de São Lourenço e produtos feitos com papel reciclado dos jovens do projeto Mata-Vida. A cooperação não se dá apenas no compartilhamento de trabalho e espaços, mas principalmente nas experiências de relacionamento com clientes e com as estratégias de acesso à mercado de uma maneira geral.



Figura 12 - Estande do Artesanato Cana – Brava da FENEARTE 2011.

7. Conclusão

Sob o enfoque crítico da economia da cultura, as experiências vivenciadas pelo grupo Artesanato Cana-Brava comprovam a importância do diálogo entre as dimensões econômicas, social, cultural, ambiental e política para sustentabilidade nos projetos em comunidades. E, sem dúvida, a abordagem econômica deve considerar conceitos de economia solidária, pois a continuidade de crescimento dos grupos está vinculada ao desenvolvimento territorial. A partir de uma análise desta unidade de análise, é possível apontar para a consolidação dos princípios da economia solidária a cada dia, a partir da apropriação e a criação da identidade do grupo produtivo e parceiros em seu território com o desenvolvimento de projetos e ações que estimulem as suas sustentabilidades econômica, social e ambiental e cultural, a médio e longo prazo.

Essa construção de identidade pode ser visualizada através da materialidade dos produtos desenvolvidos coletivamente, da apropriação da marca pelo grupo e da consolidação de uma linguagem própria para a produção e sua exposição pública. Outro ponto a observar é

o processo de identificação através dos valores simbólicos instituídos durante a trajetória de construção do grupo.

É também importante considerar o tempo. Os resultados levam tempo, pois implicam em transformações culturais e sociais. Este é um aspecto que os órgãos de financiamento devem considerar. Hoje Artesanato Cana-Brava é reconhecido no local, no estado e nacionalmente. Recebeu o prêmio SEBRAE TOP 100 do Artesanato em 2009 e se classificou entre as 10 melhores experiências no Brasil.

Vale notar também que o design pode contribuir criando marcas, organizando a produção e no desenvolvimento de produtos. A tabela abaixo sintetiza uma reflexão crítica na perspectiva da economia solidária sobre as ações de design e gestão do design do Laboratório, pontuando os principais fatos, ações e resultados obtidos (Tabela 1).

Conceitos da Economia Solidária	Contribuições do Design e da Gestão do Design junto ao Artesanato Cana-Brava.
Adesão Voluntária/Portas Abertas.	Mobilização o produto e a geração de renda são argumentos mobilizadores. Construção do projeto coletivo os desejos e as possibilidades compartilhadas. A construção da identidade do grupo representada na Criação da Marca e suas aplicações
Autogestão do Grupo Produtivo	Capacitação oficinas para definição de produtos e modos de fazer Projeto coletivo aprimoramento a partir de desafios: aceitação de mercado, articulação com poderes locais para obtenção de espaço produtivo Design de Produtos novos produtos Processos produtivos e equipamentos para trabalhar novos materiais: tecido, coco e estampas
Democracia/Criação de instâncias participativas	Planejamento estratégico construído coletivamente: fortalecimento do compromisso entre artesãos e seus parceiros. Aprimoramento dos processos produtivos. Sistemas de controle: produção, vendas e relacionamento com o cliente
Atuação política dos atores envolvidos	Articulação com a prefeitura para construção do Centro Cultural José Romualdo Maranhão. Participação em eventos da comunidade Divulgação do projeto em jornal local. Participação em feiras nacionais. (FENEARTE, Mãos de Minas e Craft Fair)
Relação responsável com o meio ambiente/Compromisso com a natureza	Produtos desenvolvidos com materiais encontrados na região. Desenvolvimento de estampas a partir do olhar do artesão. Desenvolvimento de folders e etiquetas que comunicam o produto, artesãos e a comunidade. Projeto Mata-Vida - articulação de design e arte-educação.
Estreita relação entre grupo produtivo e comunidade	Abertura de espaço para comercialização do artesanato no Mercado Público local. O Artesanato Cana Brava tem espaço próprio e comercializa também produtos dos parceiros : Mata-Vida e Quilombolas de São Lourenço
Cotas Iguais/Propriedade coletiva dos meios de produção	Divisão de trabalho Equipamentos e espaços produtivos compartilhados Definição de processos de produção e controle. Prestação de contas dos recursos Top 100 SEBRAE Artesanato – 2009 posicionamento entre os 10 primeiros

Tabela 1. EcoSol - Ações de design e gestão do design do Laboratório O Imaginário. Fonte: Construção dos autores

O Trabalho do Laboratório O Imaginário em conjunto com o grupo produtivo artesanal Cana-Brava em Ponta de Pedras enfatizou a organização e produção coletivas, fortaleceu e estimulou o surgimento de lideranças, compreendendo o conceito de

sustentabilidade nos âmbitos cultural, econômico, social e ambiental.. Essa forma de abordagem está em consonância com a perspectiva da Economia Solidária especialmente quando se almeja o desenvolvimento territorial com o fortalecimento das identidades locais.

8. Referências

- ABREU, J.C. **Estratégia e oportunidades locais:** um estudo sobre rede dinâmica em aglomerados empreendedores de base artesanal. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2002.
- ANDRADE, A.; Cavalcanti, Virgínia et al: **Imaginário Pernambucano:** design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável. Recife: Zoludesign, 2006.
- BNB Banco do Nordeste do Brasil. **Ações para o Desenvolvimento do Artesanato no Nordeste.** Fortaleza, Ceará, 2003.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.
- FRANÇA, B.H ; BARBOSA, E; CASTRO R; SANTOS, R. **Guia da Economia Solidária ou porque não organizar cooperativas para a população carente.** Niterói: Editora da AdFF, 2008
- GIL, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999
- HALL, Stuart Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz (org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000
- IFAT International Federation of Alternative Trade. **Fair Trade Terms,** Toronto, Canada, 2001
- LAKAKOS, Eva. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2001.
- MANZINE E.; Vezzoli C. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- SEBRAE -SERVIÇO DE APOIO ÀS PEQUENAS E MICRO EMPRESAS.. **Comércio Justo:** Pesquisa Mundial, 2004.
- SINGER, Paul; de SOUZA, Andre. **A economia solidária no Brasil:** a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: ____ (org) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- YIN, Robert. **Estudo de Caso:** planejamento e métodos. São Paulo: Bookman, 2010.